



RECENSÃO:

Espiritalidades Libertadoras: a mistagogia como potência sagrada que nos abraça e conduz

Rosemary Fernandes da Costa

Por “novos mundos amorosos”

Claudio de Oliveira Ribeiro¹

Quando eu li o livro “*Espiritalidades Libertadoras: a mistagogia como potência sagrada que nos abraça e conduz*”, escrito por Rose Fernandes da Costa, fiquei muito bem impressionado! Marcou-me, especialmente, a riqueza que ele nos apresenta nesta dimensão fundamental para a vida humana: a espiritualidade. Ela está intimamente ligada ao “acolhimento e ao reconhecimento da vocação comum a todo ser humano, aos carismas, serviços, visões de mundo presentes em sua diversidade e pluralidade”. Como a autora nos mostra, tal caminho requer um processo de “aprendizagem com nossas ancestralidades, com os saberes acumulados na grande biblioteca da vida e, especialmente, um mergulho integral na sabedoria presente na Criação, em todo o Cosmos” (p. 97). Esta visão para mim, assim que me debrucei sobre ela, já se constituiu em um passo decisivo e suficiente para motivar a leitura. De fato, tangenciando nossas vidas, há uma “potência sagrada que nos abraça e conduz”!

O livro faz parte da Série Espiritualidade Hoje, que compõe a inovadora Coleção “Teologia e Religião de Bolso”, da Editora Metanóia. Ou seja, trata-se de uma densa e valiosa reflexão que vem acompanhada de outros livros, também encantadores, que mostram trilhas espirituais nas interfaces com o pluralismo, com a integridade da criação e com diversos campos da ação cultural, religiosa e política. Os livros desta Série tratam de temas relacionados a aspectos da espiritualidade, a partir de situações e desafios significativos da atualidade, como a pluralidade, os processos de libertação sociopolítica, o enfrentamento da dominação econômica e sociocultural, a preocupação com o meio ambiente, o cuidado com a saúde, a importância da vivência comunitária e as urgentes questões de gênero, de diversidade sexual e étnico-raciais. Ao olhar os livros desta série, já dá vontade de ler todos eles ...

Como sabemos, espiritualidade, fé, religião e mística não são experiências alienantes, como alguns círculos chegaram a imaginar. Cada vez mais, a perspectiva libertadora delas se sobressai e nos alcança intensamente, transbordando em compromissos sociais com a justiça e paz, com a solidariedade humana, com o cuidado com a natureza e com a busca dos direitos. Rose sabe muito bem disso, porque vive cotidiana e concretamente essa dimensão, e nos brinda

¹ Pastor metodista e professor de Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora

com visões e perspectivas que nos faz vislumbrar “outro mundo possível”, como nos indicam os Fóruns Sociais Mundiais.

A racionalidade moderna é um patrimônio da humanidade, que rege a nossa vida e não poderá ser descartada. No entanto, ela necessita de um ‘outro lado da moeda’ que garanta a profundidade e um significado maior para tudo o que nos cerca. Os caminhos da espiritualidade a cada dia se mostram pertinentes e promissores para esta difícil e complexa síntese.

Neste livro, a autora penetra nas fendas da alma humana, nos mostrando que espiritualidade é um dom divino e ao mesmo tempo uma busca, pois há saberes que nos aproximam, mas que nem sempre estão visíveis. Há que se realçar as vivências comunitárias, “sempre tecedoras da esperança”. Daí se ressalta a comunhão libertadora: “Eu sou porque nós somos!”.

O convite que Rose nos faz é “vivencial, de aprendizes umas das outras, e de caminharmos sempre de mãos dadas, com pessoas e com toda a sabedoria cósmica que nos envolve e nos nutre de todas as formas. A espiritualidade libertadora é um caminho com duas vias – a via pessoal e a via comunitária -, pois é a Ruah divina que impulsiona, nos conduz à vida em comunhão com a humanidade e com nossa Mãe Terra” (p. 19).

O livro destaca o sonho e a prática do ecumenismo, pressupondo que há nos tempos atuais, em diferentes segmentos da sociedade, um clamor por comunhão. E esta visão se dá dentro de um ethos: é o amor que nos integra. Para isso, Rose nos chama a atenção para a ecumenicidade, que se concretiza na abertura das mentes e dos corpos para o outro, para o todo, como convocação à revisão e à abertura constantes na vida. É muito mais do que religião! Para ela, “tudo está interconectado, interligado e tudo é movimento. Portanto, não se dá de uma vez ou dentro de um tempo determinado. É constante - interpelando e convocando ao dinamismo próprio do Mistério que transborda, arrebanha, arrebata e re-lança. Pede não apenas a abertura ao dinamismo divino, mas também à comunhão comunitária” (p. 96).

Dessa forma, as palavras de Rose vão desfioando visões e proposições, em uma aventura de graça e compaixão. Nada que seja simples ou banal. Ao contrário: desafios enormes e complexos, mas que, embora custosos, são fonte inexprimível de prazer, realização e felicidade. É o caminho do Espírito. E como muito bem lembrado no livro, na língua bíblica, que é o hebraico, “temos uma linda palavra para nos falar sobre o espírito – *ruah* – é vento, respiração, hálito. A *ruah* é feminina, é sopro, é disposição, é ânimo. Pode ser ligeira, potente, envolvente e também imprevisível. É como o hálito da respiração. É o melhor da vida, traz vigor, sustenta e impulsiona” (p. 21).

E, seguindo este sopro, o que está diante de nós? Sermos uma “rede de solidariedade” e de ações éticas; dar vazão e visibilidade ao testemunho de justiça e paz nas relações pessoais e comunitárias, se dedicar a “troca de saberes e sabores nos diálogos entre as gerações”, fortalecer a “comunidade como herdeira e guardiã” do amor e da comunhão afetiva, desaprender

as lógicas dominadoras e auto-centradas “para aprender e acolher a novidade da vida”, tecida na comunhão e firmada na esperança.

E neste caminho, está o “mergulho na mistagogia pessoal e na relação mestre-discípulo”, longe das formas autoritárias e verticalistas, pois a mistagogia, como muito bem nos mostra a autora, é uma valiosa mística, marcada por atitudes de corresponsabilidade geradoras de “passos que convocam à caminhada em comum”. Ela “é estado permanente, é abertura à novidade criativa, provocativa e pedagógica. É experiência místico-sapiencial que reverbera por onde passa, e cada ser que dela participa opera nessa vibração”. Rose, com relatos de experiências próprias e aprendizados diversos, sobretudo com as juventudes, revela que a mistagogia “alarga conhecimento, provoca experiências e revisões, atravessa fronteiras e encontra brechas nas quais o Mistério divino opera e cria novos mundos amorosos. Nunca de forma mágica, mas com diálogos próprios da diversidade e de sua fecundidade, movimenta as espiritualidades em processos de intersecção, comunicação e comunhão” (p. 97).

Esses são os caminhos graciosos que Rose nos mostra em seu livro. Estou pensando em segui-los.

Livro: **Espiritualidades Libertadoras:
a mistagogia como potência sagrada que nos abraça e conduz**
Rosemary Fernandes da Costa
Rio de Janeiro, Editora Metanoia, 2025